

Serra Pelada, uma ferida de ouro aberta na selva

# A dura realidade dos sonhos de riqueza

Texto de RICARDO KOTSCHO  
Fotos de JORGE ARAUJO  
Enviados especiais de Serra Pelada

A história para ser boa tem que ser contada como foi desde o começo. Nada mudou, aparentemente, na paisagem humana de Serra Pelada, desde a primeira vez que vim aqui, em agosto de 80 — homens enlameados até os cabelos, caminhando como formigas com sacos de cascalho nas costas, e cavando como tatus, levantando poeira dentro de um grande buraco, o garimpo. Mas muita água correu pelo leito natural do igarapé da Grota Rica, onde a filha de um certo Zezinho, protegido de Genésio Ferreira da Silva, o antigo dono das terras de Serra Pelada, encontrou alguma coisa brilhando junto a uma bica d'água, em fevereiro daquele ano, até se chegar a este início de dezembro, quando os garimpeiros começam a deixar a serra para só voltar em abril.

Da constatação de que se tratava de ouro o que a menina viu à invasão da fazenda, foi como um raio. Correm na Serra também outras lendas e versões. Uma delas dá conta de que o próprio Genésio encontrou ouro ao cavar um buraco para fazer cerca. Há quem garanta que quem encontrou ouro primeiro foi, que limpava juquirá (roçava o mato) para Genésio.

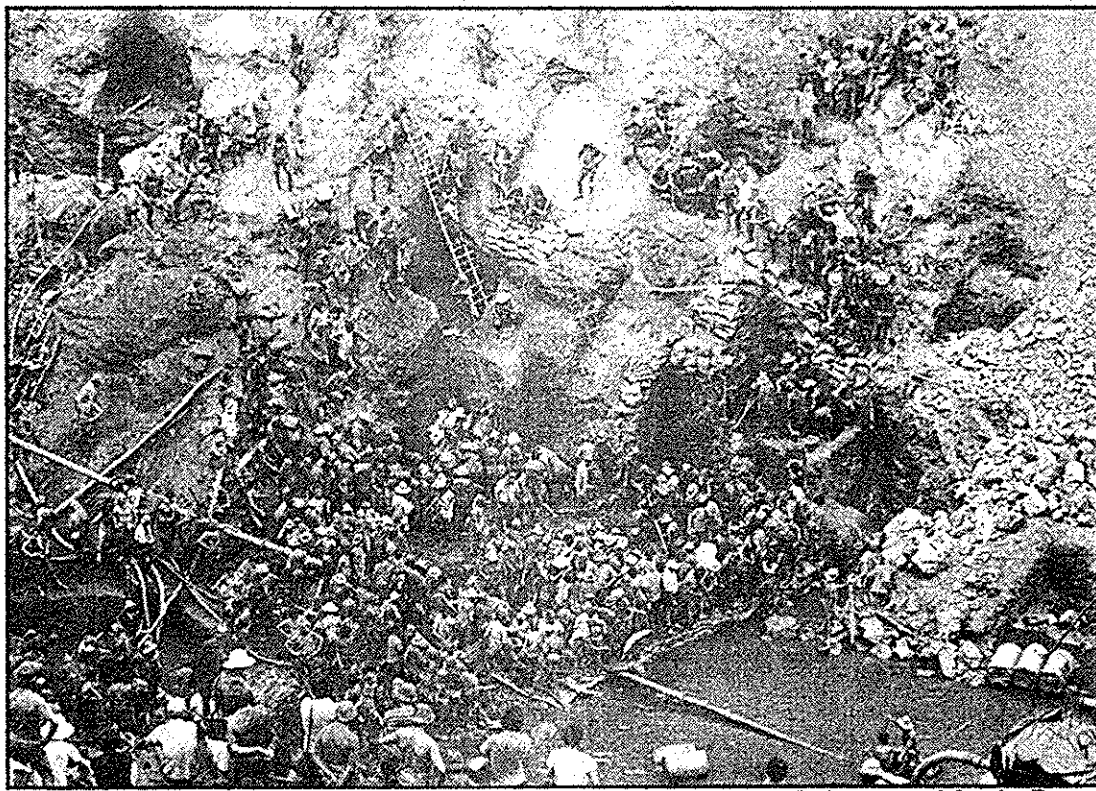
Pouco importa. O certo é que a história de Serra Pelada começa bem antes, em 77, quando se desencadeou a louca corrida às riquezas do subsolo da Amazônia. Vamos relembra-la.

No início, havia basicamente dois interesses em jogo: o da Docegeco/Vale do Rio Doce em defender seu patrimônio, já que tinha os direitos sobre a jazida (embora procurasse manganez, a concessão da lavra dá direito sobre qualquer outro mineral que for encontrado), e o do governo federal, na tentativa de usar o garimpo manual como uma válvula de escape para a tensão social na área.

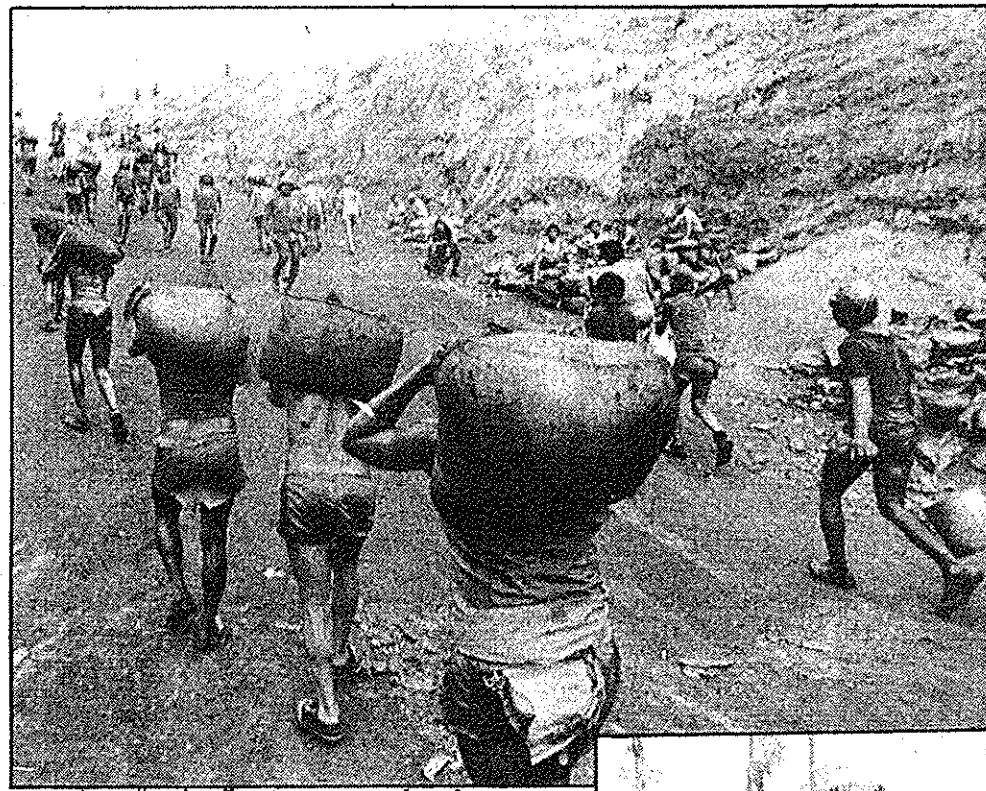
Começam a entrar em jogo, no entanto, outros interesses, que estavam latentes desde 76, quando começou uma invasão dirigida no sul do Pará — ninguém sabe dizer ao certo por quem nem por que. Sabe-se que, antes das eleições de 76, foram prometidos lotes a posseiros em troca de votos, terras que ficavam ao longo da estrada PA-150, na região de Xinguara.

Quando os posseiros chegaram, as terras já estavam ocupadas por grileiros — e começaram os conflitos. Na verdade, ambos era invasores. Só que uns (os grileiros) tinham capital e força política e outros (os posseiros) não tinham uma coisa nem outra.

É neste contexto social que, no segundo



Misturada à grande história de Serra Pelada, muitas pequenas histórias de fracasso e falência. Poucos conseguiram "enriquecer" na área marcada pela tensão



semestre de 76, o geólogo Edvaldo Amaral, do DNPM, encontra amostras com discriminações de ouro na região de Babauá, no sul do Pará. A descoberta é mantida em sigilo por um ano.

A partir de 77, porém, com o vazamento da notícia, todas as atenções se voltam para o ouro. Numa área de 900 quilômetros quadrados, em torno de Andorinhas, foram notadas várias anomalias pelos geólogos, confirmando o que muitos garimpeiros já sabiam: havia ouro na Amazônia e o ufano oficial fez o resto. O ministro das Minas e Energia era, na época, o protótipo Shigeaki Ueki, que prometia pagar a dívida externa com o ouro da Amazônia.

A economia da região foi revidada de pernas para o ar. Fazendeiros e madeireiros pediam aos técnicos da Docegeco que "parassem com isso, pelo amor de Deus", pois os garimpeiros atraíam toda a mão-de-obra desqualificada e barata disponível. Nada mais natural: bras serrarias e fazendas, o trabalhador braçal levava um mês para ganhar o mesmo que podia receber em três ou quatro dias carregando sacos de cascalho no garimpo — uma situação que persiste até hoje.

Apesar disso, uma relativa calma

perdeu por dois anos, com a Docegeco procurando conviver pacificamente com os garimpeiros. Em 79, quando Ueki anunciou oficialmente que havia ouro junto com o cobre em Carajás, a pressão sobre a área aumentou.

A seca do Nordeste, as enchentes na Amazônia e a recessão econômica, que começava a provocar o desemprego na região Centro-Sul, empurravam para os garimpos largos contingentes populacionais sem alternativa de sobrevivência. Antes, só os aventureiros propriamente ditos vinham à Amazônia, sonhando "enriquecer" da noite para o dia.

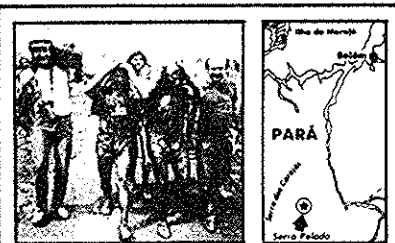
Janeiro de 80. O prefeito de Conceição de Araguaia, Giovanni Queiroz, procura os técnicos da Docegeco, preocupado com o aumento da tensão social na área. Segundo ele, o garimpo poderia servir como um paliativo para aliviar a pressão. Explicou que era um homem rico, sem ambições políticas, e tinha apenas uma preocupação social.

Diante disso, a Docegeco decidiu permitir que os garimpeiros ocupassem áreas de pesquisa, desde que se organizassem em cooperativas, as famílias morando com eles, para permitir que se fixassem por mais tempo e em condições mais humanas.

Logo se veria, porém, que o objetivo dos políticos locais, ao reivindicar a abertura das áreas de pesquisa aos garimpeiros, era apenas o de limpar o terreno para a implantação de grandes projetos agropecuários (leia-se cercas e patos) sem o estorvo que representava a presença de posseiros naquelas terras. Por esta época, pouco antes da descoberta de Serra Pelada, a Rádio Nacional de Brasília, emissora estatal, começara a dar notícias todos os dias anunciando que a área de Andorinhas havia sido liberada aos garimpeiros.

O equilíbrio começa a ser quebrado. Enquanto eram poucos e ainda havia um certo controle por parte da Docegeco, os próprios garimpeiros cuidavam que não entregasse mais gente na área. De uma hora para outra, mais de três mil homens garimpavam em Xinguara, no município de Conceição do Araguaia.

Mas a grande explosão ainda estava por acontecer. Foi em meio às enchentes do início de 80, que arrasaram Marabá: correu a notícia de ouro em Serra Pelada, ouro como nunca antes se vira. Caminhões de paus-de-arara chegavam à região vindos de todo canto, principalmente do sudoeste do Maranhão, uma das regiões mais miseráveis do País.



## Serra Pelada

Amanhã, "Amor e mistério na gangorra da fortuna", na sequência de reportagens sobre o maior garimpo do Brasil.



O retorno após a aventura

## "Isso aqui é um mundo cão, nunca foi o paraíso"

Eles vinham dos vales do Mearim, do Pindaré, do Puritucu, de cidades como Imperatriz, Balsas, Duce de Caxias, Grajaú, uma região que em 76 contava mais de 600 mil posseiros. Era gente que nem conhecia dinheiro, comerciava na base do escambo (troca direta de mercadorias), uma legião de desclassificados — no sentido social do termo — em busca de terras. Sem encontrar terras livres, foram parar no garimpo.

O garimpo constituía uma forma de proteger os fazendeiros dos invasores — imaginavam os agentes do Serviço Nacional de Informações (SNI) que nunca mais abandonaram a região desde a guerrilha do Araguaia. Com o crescimento incontrolável dos garimpos, no entanto, as fazendas acabaram invadidas, não por posseiros mas por garimpeiros.

Como Serra Pelada era o mais rico e procurado de todos os garimpos, foi lá que o governo federal resolveu implantar seu modelo de intervenção e controle. Este modelo, que deveria originalmente ser estendido aos garimpos de Tapajós, Patrocínio, Amués e Madeira, consistia na intervenção direta da Presidência da República, por meio do Conselho de Segurança Nacional (na prática, o SNI), coordenador dos demais órgãos públicos e empresas estatais deslocados para a área.

### O helicóptero para e desce major Curio, futuro 'rei' do garimpo

Domingo de Páscoa de 80. Um helicóptero com oito homens da Polícia Federal e do Exército, comandados pelo major Curio (hoje, deputado federal Sebastião Curio Rodrigues de Moura, PDS-PA), sobrevoa a área do garimpo de Serra Pelada. As informações chegadas a Brasília davam conta de que havia na região mais de 30 mil homens, todos armados, alguns com dois revólveres à cintura.

Os sem-terra do Maranhão, as vítimas das enchentes dos rios Tocantins e Itacaiunas, juntamente com velhos garimpeiros, comerciantes, alguns médicos e doutores em geral faziam de Serra Pelada a nova terra prometida, em que valia tudo para se conseguir um barranco em busca de ouro.

O helicóptero dá várias voltas até descer na pista improvisada pelos próprios garimpeiros. Alguns dos policiais e militares que acompanham Curio também participaram do combate à guerrilha. Diante da convulsão social provocada pela corrida ao ouro, dos informes sobre tiroteios e violência no garimpo, a decisão de intervir em Serra Pelada foi tomada pelo presidente João Batista Figueiredo, ouvido o Conselho de Segurança Nacional.

Major Curio desce do helicóptero com carta branca para agir no garimpo. À frente dos espantados garimpeiros, cobertos de barro e poeira, Curio é interpelado por um deles:

"Quer vender esse negócio aí? Nunca vi avião tão bonito..."

Com a intervenção, áreas (chamadas de catas, barrancos ou damas) e garimpeiros foram registrados pela Receita Federal e todo o ouro encontrado deveria ser vendido à Caixa Econômica Federal, através da Docegeco. Logo estariam em Serra Pelada 135 homens, enviados por todas as siglas do Brasil estatal. A área foi logo cercada pela Polícia Federal e a primeira impressão que tive, reforçada pela aparência física dos seus habitantes, foi

a de um imenso campo de concentração — só se entrava e saía com autorização, após rigorosa revista.

Quando a Docegeco se instalou em Serra Pelada e passou a comprar todo o ouro, por ter a concessão da lavra, a participação de Genésio Ferreira da Silva — que havia adquirido do Inera a fazenda de 800 alqueires numa concorrência pública, alguns anos antes, mas não tinha ainda o título definitivo — foi diminuída de 30 para 10%. Por determinação do major Curio, porém, a família de Genésio passaria a não receber mais nada depois de um misterioso caso em que ele teria sido apanhado em flagrante ao tentar transportar ouro para fora do País.

Mas, quando a intervenção veio, o futuro de Genésio estava garantido. O que o garimpo já lhe dera foi suficiente para a compra de outra fazenda, gado e dois pequenos aviões. Símbio Gonçalves Machado, 71 anos, também sonhava com isso ao entrar no garimpo, pela primeira vez na vida, em junho de 80. "Major Curio é nosso pai", dizia o garimpeiro ancião, que fazia parte de um grupo de mais de 40 homens conhecidos por bate-paus (caboclos que guiavam as forças do Exército na selva durante o combate à guerrilha) em Serra Pelada.

Assim, além de um corpo de segurança formado com alguns velhos conhecidos no combate às guerrilhas, o major Curio contava também dentro do garimpo com outro tanto de bate-paus, o que lhe garantia um controle absoluto da situação. Nada se resolvia sem a sua palavra.

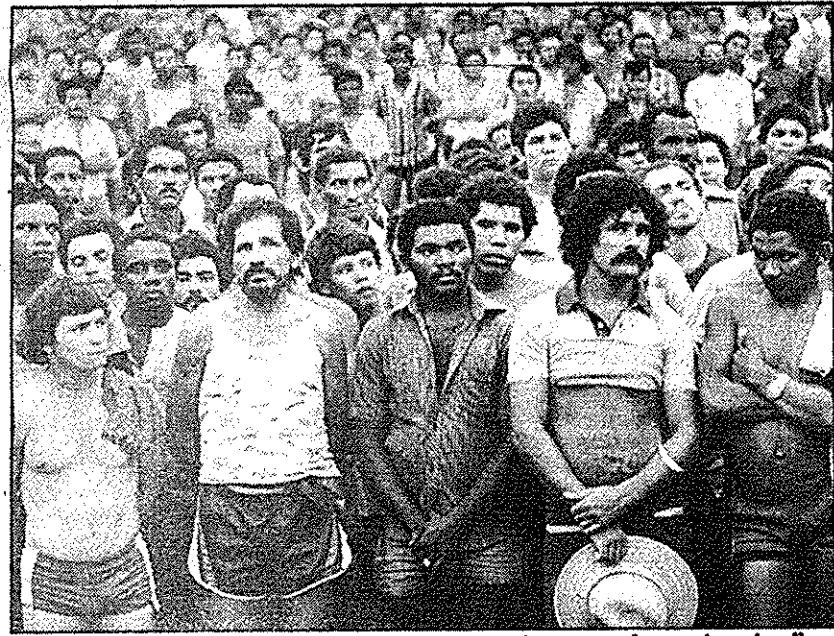
Curio, neste tempo, ainda era um agente secreto do SNI, que atendia pelo codinome de doutor Marco Antônio Lucchini. Era a encarnação do chamado "Sistema" no pequeno e simbólico retrato do Brasil que era o garimpo de Serra Pelada. Vivia-se a euforia do ouro. Ao passar por lá, o ministro das Minas e Energia, César Cals, entusiasmadíssimo com o que vira, me garantiu que aquele modelo seria reproduzido em todos os outros garimpos e que, no ano seguinte, teríamos a autossuficiência brasileira em ouro. Anunciou também para o mês seguinte, setembro de 80, a apresentação de um modelo mineral brasileiro, que ninguém imaginava qual fosse, nem se sabe até hoje o que seja. Outros garimpos seriam abertos no tapa e o tal modelo se limitou mesmo à experiência de Serra Pelada.

### Os vários votos da Serra decidem a eleição no Pará

Como todo garimpo manual tem um tempo de vida útil limitado, calculou-se que, até 82, este trabalho terminaria e começaria a mineração mecanizada. Por isso, a Docegeco já iniciava os trabalhos de pesquisa em Serra Pelada, executando mapeamentos preliminares.

Em outubro de 81, segundo os técnicos da Docegeco, o garimpo de Serra Pelada acabou naturalmente — quer dizer, esgotou-se a capacidade de exploração manual dos depósitos aluvionares ou de rochas superficiais e do cascalho de beira de rio. Desmoronou, alagou, acabou.

Foi aí que Serra Pelada perdeu a virgindade e caiu na vida, constatou hoje um alto dirigente da Docegeco. "Se fosse uma empresa privada, no dia seguinte da invasão teria entrado na Justiça para requerer a reintegração de posse,



Na praça da Bandeira: "A Serra é dos garimpeiros, será dos garimpeiros"

Mas, como o principal sócio da companhia (assim é chamada a Vale do Rio Doce/Docegeco) e o governo, foi-se adiando uma definição em nome do interesse social", diz ele.

O compromisso assumido pelo governo federal com a companhia — de que em 82 a Vale do Rio Doce assumiria definitivamente a área — foi rompido. Já agora não apenas em nome do interesse social, mas do interesse eleitoral dos grandes beneficiários do garimpo: Curio e os bamburrados, que formaram uma nova casta.

A eleição de 82 no Pará, todos sabiam, seria disputada cabeça a cabeça e o contingente de eleitores nos garimpos, especialmente em Serra Pelada, poderia desequilibrar, decidir o resultado. Por isso, Curio foi convidado (convocado?) pelo governo central para ser candidato. Desta forma, em abril de 82, o garimpo seria reaberto com toda pompa e circunstância. Para que isso fosse possível, a Docegeco gastou — e depois foi reembolsada pelo Banco Central — mais de Cr\$ 300 milhões, em valores da época, em terraplanagem.

Política e autoritarismo à parte, houve aspectos positivos no modelo de Serra Pelada. A fiscalização foi um deles, eliminando a figura do intermediário. O garimpeiro passou a receber preços justos pelo ouro. Além disso, dispunha de assistência médica, abastecimento de gêneros alimentícios e toda uma infra-estrutura, até de lazer, desconhecida nos outros garimpos.

Mas, o mais importante, o governo nunca fez: financiar o pequeno garimpeiro. Por isso, ele continuava preso ao dono do barranco (chamado no garimpo de capitalista ou fornecedor). O capitalista lhe dava uma orelha de jegue (um vale, adiantamento) e fornecia comida, reproduzindo o sistema dos seringais da Amazônia.

No começo, é certo, ainda havia uma preocupação com a distribuição da renda no garimpo e Curio chegou a ser chamado de "socialista". Nas reuniões da coordenação (o governo em Serra Pelada), estudava-se uma forma de tirar do garimpo os que bamburravam, sem violência, para evitar que aumentasse a desproporção entre donos-de-cata e empregados. Ainda não havia tantos capitalistas de fora, como agora. Quer dizer, eles se formavam lá dentro mesmo, quando bamburravam e passavam a comprar as catas dos que não conseguiam recuperar os investimentos — a falência chegando antes do ouro.

manual acabaria no final de 83 para entrar a mecanização. O fiel agente Curio entrava em rota de colisão com o "Sistema" que o gerara.

"...mas sempre há uma esperança", insistia Curio em julho, quando o garimpo foi reaberto já com data marcada — 15 de novembro — para o fechamento definitivo. Seus críticos o acusavam de ter passado de agente do SNI a agente dos donos de barrancos, trocando suas obrigações militares por compromissos financeiros. Da sua metralhadora verbal giratória não escapava nenhum opositor da garimpagem manual, nem mesmo seus colegas de corporação, coronéis Ari Santos e Ari Lopes, do SNI, que o substituíram no governo da Serra. A bomba-relógio começava sua contagem regressiva.

Ao perceber que o circo ia acabar pegando fogo, o governo central começou a pensar em devolver o governo do garimpo aos civis, já que as divergências atingiam, agora, o coração do "Sistema", a comunidade de informações. Mas o impasse não terminava aí. Não restava alternativa ao presidente Figueiredo senão o veto à chamada Lei Curio, o projeto que prorrogava a garimpagem manual por mais cinco anos, diante da inconstitucionalidade da matéria. Só que, pela primeira vez no Brasil pós 64, um veto presidencial corria o risco de ser derrubado no Congresso, em guerra com o Executivo por causa dos "pacotes" salariais enviados pelo governo.

Como de costume, saiu-se pela tangente: Figueiredo vetou a Lei Curio e, no mesmo ato, entregou o garimpo aos cuidados do Congresso Nacional, ou melhor, a um grupo de notáveis do PDS. Antes disso, porém, por pouco o circo não pegou fogo.

O temor de uma resistência armada, que nunca foi descartada, levou, em setembro, a polícia de Marabá a estender a todo o sul do Pará a operação de "desarmamento em massa". Em torno de 300 pessoas por dia entram ilegalmente no garimpo devido ao descaço da Polícia Federal e do SNI que, com o anúncio fim do garimpo, desinteressaram-se pela segurança de Serra Pelada.

Outubro de 83. Fecha-se o cerco contra o garimpo. O diretor geral do DNPM, Ivan Barreto de Carvalho, diz ao ministro César Cals que a falta de segurança vai colocar em risco a vida dos garimpeiros. A 14 de outubro, a assessoria de imprensa do Ministério das Minas e Energia — que, no passado, sempre cuidava de esconder estes fatos — anuncia em tempo recorde a ocorrência de um novo desmoronamento de terra. Dois garimpeiros haviam ficado levemente feridos. Este ano, já haviam ocorrido dois desmoronamentos grandes em Serra Pelada, que deixaram 25 mortos e 89 feridos.

O deputado estadual Haroldo Bezerra, PDS-PA, do grupo de Curio, rompe o silêncio e advierte que há um clima de grande tensão na área porque os garimpeiros vão reagir. Bezerra fala que recebeu informações sobre a apreensão de 13 metralhadoras em Serra Pelada. Dom Alano Pena, bispo de Marabá, também faz coro: "Haverá uma reação com o fechamento de Serra Pelada, porque os garimpeiros estão decididos a não sair da área".

No dia 27 de outubro, Curio diz que, "até o momento, estamos conseguindo manter o controle da área, mas não sabemos o que pode acontecer nas próximas 24 horas". No dia 27, Figueiredo vetou o projeto de Curio. No dia seguinte, o governo anuncia que não vai mais retirar os garimpeiros a 15 de novembro. O Tribunal Federal de Re-

curso concede liminar ao mandado de segurança impetrado por quatro garimpeiros, garantindo seu livre acesso a Serra Pelada.

A tarefa inicial do DNPM era a de desativar o garimpo na data marcada pelo governo. "Entre o dia 1º de outubro, quando assumimos, e o dia 15 de novembro, foi a pior época que passamos", conta o geólogo Edson Wesch, delegado regional do DNPM em Belém. O DNPM indicou dois geólogos, que se revezavam a cada 15 dias — "ninguém aguenta ficar lá mais do que isso" — para a função de coordenar o garimpo: Otávio Blanco Rodrigues e Agildo Pina Neves. Ao todo, são 34 funcionários do DNPM encarregados do "projeto garimpo", além de um efetivo policial que conta atualmente com 51 elementos da Polícia Federal e 11 da Polícia Militar do Pará.

### 15 de novembro, o 'dia da independência' na praça do garimpo

No auge da guerra de bastidores que antecedeu o recuo final do presidente João Batista Figueiredo, o major-deputado Curio afirmava, em Belo Horizonte, após um encontro com o governador Tancredo Neves, que o fechamento do garimpo "será um outro Camudos". O Antônio Conselheiro, naturalmente, seria ele próprio.

"Curio passou pro outro lado", lamentava-se um agente da Polícia Federal, naqueles dias, em Serra Pelada. De fato, o ex-agente do SNI não deixava por menos em seu novo papel: "A tecnocracia insensível e o capitalismo selvagem não estão medindo as consequências de suas ações, que podem levar a um estado revolucionário com derramamento de sangue. Os garimpeiros não entregarão Serra Pelada pacificamente. São homens dóceis, mas valentes, e estão armados".

Três dias depois, Figueiredo comunicaria a César Cals que não havia mais data pré-fixada para a saída dos garimpeiros de Serra Pelada. A festa foi grande em Serra Pelada no dia 15 de novembro, quando, em vez de saírem, os garimpeiros comemoraram a permanência no garimpo, sem prazo para ir embora.

No palanque da praça da Bandeira, onde ficava a antiga pista de pouso, Curio pediu: "Antes de iniciar minhas palavras, eu queria pedir aos grimpeiros que, de chapéu na mão, levantem as mãos para os céus e agradeçam a Deus pela vitória que nos concedeu..."

E fácil imaginar a comemoração provocada pela cena nesses homens rudes e místicos, que se agarraram a Serra Pelada como à última tábua de salvação. Afinal, do seu trabalho dependem hoje mais de 500 mil pessoas de Marabá a Imperatriz, no Maranhão, e em torno deles giram o comércio e a indústria da região. Serra Pelada é de longe, hoje, a maior empresa da Amazônia. Em quase quatro anos, eles tiraram dali o que a mina de Morro Velho, a maior do País, levaria seis anos para obter, a um custo incomparavelmente superior.

"A Serra é dos garimpeiros, será dos garimpeiros", proclamou Curio ao final do seu discurso de 15 de novembro, agora chamado de "o dia da independência do garimpo". Até quando? Na falta de opções de vida e trabalho para os garimpeiros, a bomba-relógio ainda não foi desmontada — apenas, teve seu efeito retardado, mais uma vez.